

PAISAGEM E JARDINS

(<http://www.apha.pt> /) Junho, June 2006

Apresentação

A paisagem é, possivelmente, um dos domínios onde, com maior facilidade, se pode observar a transdisciplinaridade que hoje se situa como referência no panorama da investigação científica, da produção realizada em âmbito estritamente académico ou fora dele e, num campo mais focalizado, como orientação do próprio Boletim Interactivo da APHA. De facto, a organização deste terceiro número procurou obter colaboração de áreas diversificadas em que se situam as da História da Arte, da Arquitectura, da Geografia, da Arqueologia, da Museologia... É certo que nem todas chegaram como sempre acontece nestes processos. No entanto, as solicitações permitiram contactar com investigadores cujo conhecimento do projecto os habilita a colaborar no futuro.

À imagem dos números anteriores, este terceiro inclui também colaboração de investigadores que actuam fora de Portugal, com destaque para Javier Maderuelo, cuja obra já constitui referência sobre a matéria, e António Trinidad Muñoz, que surge com a particularidade de ter abordado temas da história da arte em Portugal.

Congratulamo-nos pela publicação de diversos artigos que se recortam de teses de mestrado já defendidas ou em vias de conclusão, porque este facto corresponde a um dos objectivos deste Boletim: a divulgação de trabalhos que, frequentemente, se reduz ao meio académico.

Numa recolha bibliográfica sobre o tema, verificamos que desde Kenneth Clark (para abrir com um historiador de arte) a bibliografia sobre a paisagem e sobre tudo o que a relaciona com o domínio cultural se expandiu enormemente: a geografia, a geologia, o urbanismo, o paisagismo, a ecologia, a história, a história da arte, os estudos culturais, a estética, a

antropologia, a literatura, os estudos linguísticos, multiplicaram as abordagens do tema e relevaram as implicações do homem no território e a ideia de construção da paisagem. Paisagem e equilíbrio natural, paisagem e poder, paisagem e política, paisagem e estética, paisagem e conservação, paisagem e evolução, paisagem e monumentalidade, paisagem e sociabilidade foram apenas alguns dos problemas equacionados, num panorama que, continuamente, acolhe novos contributos.

A proliferação de títulos bibliográficos sobre a paisagem corresponde à sua popularidade em termos de pesquisa científica, mas não apenas nesse domínio. De facto, a paisagem não é um objecto de investigação reservado; é, no imediato, um bem de consumo. Ver o *sky line* de uma cidade ao anoitecer é um bem que se paga caro; os hotéis também vendem mais caras as vistas de mar; o turismo vende paisagens incluídas nos seus pacotes de viagens; e a pintura de paisagem adquire-se, frequentemente como substituto da paisagem "real". Também o direito à paisagem, como um dos direitos do homem moderno, se viu reflectido no direito da paisagem consagrado na Convenção Europeia da Paisagem patrocinada pelo Conselho da Europa em 2000, que admite a complexidade dessa realidade em função dos valores objectivos e subjectivos que nela se cruzam, bem como a interacção natural / cultural. Ou seja, a transformação que se opera no conceito de paisagem no meio artístico situa-se num vasto movimento onde outras investigações académicas confluem na mesma direcção.

É neste conceito alargado e expandido até à indefinição de limites, de paisagem como paradigma cultural, que se estruturou um boletim oscilante entre o centro e as margens, a origem e as continuidades de um modelo. Leitura, a um tempo vertical e horizontal, nela se cruzam diferentes abordagens que reflectem, não apenas os instrumentos e as técnicas de saberes particulares, mas também os respectivos aparelhos teórico, filosófico e estético.

Laura Castro
Coordenadora científica